

São Bern@rdo.com.br

Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo

www.metodista.br/unesco/GCSB/index.htm

Ano 1 - nº 1 - (janeiro/junho de 2004)



ΚΕΙ
ΜΗΛ
ΤΩΝ

Textos originais, revisados pelos membros do conselho editorial

O Editor Científico

Waldemar Luiz Kunsch*

(Universidade Metodista de São Paulo - Brasil)

[Resumo](#)

[Introdução](#)

[Preparação de originais](#)

[Revisão de texto](#)

[Normalização editorial e científica](#)

[O editor científico](#)

[Referências bibliográficas](#)

Resumo

Os editores de revistas científicas lidam com sua estrutura e seu funcionamento. Mas, muitas vezes, não atentam devidamente para o que diz respeito aos textos a serem inseridos na publicação. Uma vez acolhidos pelo conselho editorial, estes, freqüentemente, costumam receber apenas uma ligeira revisão e pequenas adequações. É preciso, em função da "unidade" da revista, ter mais cuidado com os textos, que freqüentemente apresentam grandes diferenças de estilo e de procedimento por parte dos respectivos autores. Deve-se dar mais atenção à "preparação de originais", no que se refere não apenas à "técnica", mas também ao "conteúdo". Trata-se muito mais do que uma mera "revisão de texto". É necessário fazer uma "normalização dos originais", tanto no aspecto "editorial" quanto no "científico". **Palavras-chave:** Revista científica – Editor científico – Editor de texto – Revisão – Normalização.

Introdução

O "editor" deve envolver-se, antes de qualquer coisa, com a estrutura e o funcionamento de uma revista científica. Missão, visão e valores. Padrão, formato, tamanho, periodicidade. Seções e agenda. Corpo editorial. Comitê editorial, cujos componentes coordenam dossiês ligados a diferentes linhas temáticas. Conselho editorial ou de *referees*, formado por pesquisadores externos à instituição, reconhecidos por sua maturidade acadêmica. Regras estipuladas por órgãos normalizadores. Indexação nacional e internacional. Qualidade, visibilidade, credibilidade, acessibilidade e sustentabilidade da publicação. Tudo isso está entre as macro-funções de quem chamaríamos de "editor executivo". Mas o que desejamos focar neste artigo são os aspectos "textuais-normativos" reservados ao profissional que denominamos "editor científico" ou "editor de texto".

Preparação de originais

Sabemos que a evolução da universidade e o aperfeiçoamento dos pesquisadores trouxeram consigo o progresso das ciências, letras e artes, através da pesquisa. O aumento da produção científica obrigou os transmissores de idéias a obedecer a determinados procedimentos de organização e normalização. Surgiu, assim, a editoração científica, para permitir aos pesquisadores apresentarem textos escritos dentro de normas. É claro que, segundo Cláudio de Moura Castro (1976, p. VIII), "não será apenas a obediência a essas regras que vai garantir sequer um mínimo de mérito ou valor a qualquer publicação. O seu valor está necessariamente no conteúdo, na importância da informação oferecida. Contudo, tratando-se de trabalho científico, a eficiência da comunicação depende da aderência a critérios de padronização".

Vale notar aqui a diferença entre "contexto de descoberta" e "contexto de apresentação". A princípio, um autor se dedica a "pensar" e, quando sente que as idéias estão arrumadas, procura "apresentá-las" aos outros. Quer dizer, existe o "estilo do pesquisador". Mas deve existir também uma "ortografia do pesquisador". Não se trata só da correção de acentos, pontuação, concordâncias. Mas também da "ortografia" num sentido mais amplo, envolvendo normas, que, por mais desagradável que seja o seu aprendizado, são especialmente úteis em ciência. Trata-se aqui da organização dos capítulos, da disposição da matéria segundo um roteiro predeterminado, da exposição das idéias, das referências bibliográficas, das notas de rodapé, das ilustrações etc. A experiência mostra que são os trechos iniciais de um texto que mais carecem de revisão e, também, de burilamento. Uma introdução mal feita afugenta o leitor bem intencionado. Outras vezes são os títulos e entretítulos que não estão bem arquitetados ou não têm nexos com o desenvolvimento da matéria, denotando um texto de construção deficiente. Às vezes há passagens deslocadas ou mal formuladas, que podem ser reposicionadas ou copidescadas.

Ninguém ignora que, por mais que se ensinem técnicas de redação e metodologia científica, sempre há autores, em nível não só de iniciação científica, mas também de mestrado, doutorado e pós-doutorado, que, infelizmente, nem sempre conseguem fazer uma boa apresentação do que pensaram, estruturar bem o seu trabalho, escrever corretamente. E é aqui que o editor científico passa a exercer um papel de relevância.

Ressalte-se, desde já, que nem todos os textos submetidos ao editor são "problemáticos". Muitos lhe dão pouca preocupação. Por outro lado, não faltam aqueles que, pela deficiência na abordagem do tema, na argumentação, na metodologia e na redação, serão recusados se não passarem por um burilamento por parte dos autores. E há, ainda, aqueles que, embora mal apresentados, criando até mesmo dificuldades para os próprios autores, no que se refere, por exemplo, à disparidade de citações incompletas e referências não-localizáveis, podem ser melhorados pelo editor, em conjunto com os autores, o que hoje se vê muito facilitado com o correio eletrônico. Um autor apresenta seu original para ser publicado e este é aceito pelo conselho editorial de uma revista. Vamos simplesmente mandar o original para o paginador, junto com outros originais, entre os quais costuma haver grandes diferenças de estilo e de método? É o que acontece com muitos textos publicados, nos quais se percebe que foram feitas tão-somente uma revisão sumária e algumas unificações mínimas e nada mais. Ou seja, se a editora não tem quem faça a editoração dos textos, estes saem publicados praticamente como foram encaminhados. Cremos que se trata de um procedimento equivocado. Os resultados são facilmente percebidos pelo leitor, quando não se precisa chegar ao cúmulo de imprimir folhas com "erratas", que, no mais, só apontarão erros gritantes. Fazer a editoração científica de uma revista não é tão simples como pode parecer. O objetivo é obter um trabalho bem organizado, que só se valorizará com sua coerência em termos de redação e metodologia, o que constitui para o documento original fator condicionante de maior aceitação pelo público. Em suma, o que se deve buscar é uma apresentação unificada quanto à forma extrínseca e intrínseca do original (cf. Dória, p. 31). Trata-se de uma tarefa complexa quando se considera que uma revista é formada por uma coletânea de textos de diferentes autores, cada um dos quais com suas peculiaridades e, eventualmente, com um determinado tipo de problema. "Editoração", no processo de comunicação escrita, significa *preparar originais* para publicação, não apenas *tecnicamente*, mas também quanto ao *conteúdo*. No caso de uma revista, trata-se de "preparar os originais" que compõem determinada edição – cada original isoladamente, assim como todos os originais entre si. Para tanto, duas coisas entram em consideração, segundo Ivani Kotait (p. 12-13) e Antônio Houaiss (1975a/b): a revisão e a normalização. A *revisão* liga-se com a correção da gramática e do texto. Observa-se, comumente, que a grande dificuldade na transmissão da informação é devida quase que exclusivamente à falta de conhecimento da gramática e de técnicas de redação. A *normalização* diz respeito às regras científicas e da própria editora, abrangendo do artigo à monografia. Nem sempre uma editora tem pessoal capacitado para editar trabalhos científicos, o que envolve domínio da língua, adoção de um "manual de estilo", posse de uma ampla cultura geral, conhecimento de normas, zelo pela qualidade, uma boa dose de paciência e muita diplomacia. Uma coisa é certa: se, como diz Severino (1978, apud Kotait, p. 13), não se admite a elaboração de um trabalho científico "ao sabor da inspiração intuitiva e espontânea, sem que se obedeça a um planejamento e à aplicação de um método", o mesmo vale, a nosso ver, para o editor científico.

Revisão de texto

A revisão começa com o próprio autor. Escrever implica reescrever um texto quantas vezes for necessário, como faziam os grandes escritores do tempo do lápis e da borracha ou das velhas máquinas de escrever. Muita coisa se modifica no curso das versões sucessivamente melhoradas. Mesmo assim, o editor deve revisar os textos. Ante um erro ou uma ambigüidade, o leitor não saberá se se trata de uma revisão que deixou de ser feita ou de uma falha no raciocínio ou nos procedimentos do autor. Segundo Castro (op. cit.), "um trabalho medíocre não passará a ser bom na fase de revisão; mas um trabalho, por excelente que seja, não sobrevive a uma revisão descuidada".

Como se pode ver, "revisão" não é tão-somente uma questão de corrigir falhas de ortografia ou concordância, mas também de burilamento da estrutura e da exposição. Erros de concordância, regência, colocação e pontuação podem ser corrigidos impunemente, sem que a substância da mensagem seja modificada. No caso de "infrações textuais", que podem acontecer por descuido do autor ou, por outro lado, em razão de um especial domínio do idioma por parte dele, é preciso muito cuidado com a revisão.

O fato é que deve ser preservada a autenticidade e a fidedignidade do original. Por isso, é preciso consultar o autor para saber se as alterações com vistas a uma melhor formulação do original não agridem a substância da mensagem que ele tem em mente, principalmente no caso de passagens obscuras. O perigo a evitar é que, não sendo o preparador um bom conhecedor da matéria, se subverta, altere ou mesmo inverta o sentido de trechos ou, ainda, se provoque uma matização não desejada pelo autor (cf. Houaiss, 1975a, p. 63). Enfim, principalmente em casos mais críticos, o que se faz necessário é que sempre haja um diálogo entre o preparador de texto e o autor.

Normalização editorial e científica

O editor científico deve preocupar-se com a *normalização editorial* dos textos – de cada texto isoladamente e do conjunto de originais. Presume-se que toda editora proceda a uma normalização dos textos que aceita para publicação. Para isso ela geralmente tem ou deveria ter seu "manual de estilo", que leva em consideração aspectos como os que se ligam à apresentação organizada dos originais, à estrutura do texto, à numeração ou não da entretitulação, ao uso de maiúsculas e minúsculas, à formatação, à tipologia a ser empregada, ao emprego de *italics*, negritos ou sublinhados etc. Mas o editor deve envolver-se também com a *normalização científica* dos textos. É preciso controlar a adoção correta de regras estabelecidas, com relação ao texto, pelas instituições normativas, como, entre nós, uma Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ou uma Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Estamos lidando com textos que são diferentes dos textos opinativos, interpretativos ou de entretenimento das revistas de interesse geral, informativas ou de interesse específico do campo da grande-imprensa. Trata-se aqui de revistas especializadas e, mais concretamente, de revistas científicas, voltadas para discussões universitárias e de institutos de pesquisa. Exceto em seções especiais como as de registros de eventos, notícias, notas e informações ou mesmo de memórias, os demais textos têm a apresentação característica do trabalho científico, representado por artigos analíticos, resenhas, comentários, relatos de pesquisas etc. Se, como dissemos, grande parte dos autores tem dificuldade em construir um trabalho plenamente correto, cabe ao editor levar a efeito a necessária normalização, sempre mantendo um diálogo com o autor para resolver dúvidas, promover esclarecimentos e complementações etc.

O editor científico

É este, a nosso ver, o papel de um "editor científico". Que é muito mais do que apenas um "revisor", mesmo que se veja neste mais do que um simples detectador de erros ortográficos ou tipográficos. É assim que exercemos a tarefa de "editoração científica" na revista *Comunicação & Sociedade*, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. É uma filosofia e política de trabalho que adotamos também em coletâneas de ciências da comunicação. As revistas científicas, aliás, até mesmo pelo formato muito comum na

área, assumem muitas características de uma coletânea, especialmente quando se trata de revistas temáticas, com dossiês planejados. Com esse procedimento, todos têm a ganhar. Tanto documentaristas, bibliotecários e responsáveis por editoras, quanto os próprios autores e, sobretudo, o campo científico e a produção por ele gerada.

Referências bibliográficas

CASTRO, Cláudio de Moura. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

DÓRIA, Irene de Menezes. Apresentação de originais. In: MAGALHÃES, Aluísio et al. **Editoração hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 1975. p. 29-57. HOUAISS, Antônio. Preparação de originais – I. In: MAGALHÃES, Aluísio et al. **Editoração hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 1975a. p. 59-79. HOUAISS, Antônio. Preparação de originais – II. In: MAGALHÃES, Aluísio et al. **Editoração hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 1975b. p. 81-92.

KOTAIT, Ivani. **Editoração científica**. São Paulo: Ática, 1981.

* Jornalista, relações-públicas e filósofo. Foi editor de diversas publicações setoriais (culturais e comerciais). É editor-adjunto da revista científica *Comunicação & Sociedade*, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, além de editor de Relações Públicas e editor de texto da revista *Estudos de Jornalismo e Relações Públicas*, da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas da mesma instituição. Editou uma série de coletâneas de Comunicação Social. E.mail: wlkunsch@uol.com.br.

